

A atualidade de Marx para a compreensão do dinheiro no capitalismo contemporâneo: notas para um debate

Renan Ferreira de Araujo*
Alex Wilhans Antonio Palludeto**

Resumo

Este artigo busca contribuir para o debate marxista recente acerca da compreensão do dinheiro no capitalismo contemporâneo ao destacar a adequação da teoria monetária de Marx para o entendimento da forma atual assumida pelo dinheiro. Desse modo, a partir de uma síntese dos argumentos levantados por alguns dos principais autores que se debruçaram sobre o tema, tais como Arthur, Arnon, Brunhoff, Evans, Campbell, entre outros, propõe-se que a teoria monetária de Marx transcende a vinculação do dinheiro a uma mercadoria específica, como o ouro. Assim, argumenta-se que o dinheiro-mercadoria em Marx constitui apenas uma etapa no processo de gênese lógica do dinheiro com base no desenvolvimento sistemático da forma-valor, que tem como momento final necessário a sociedade capitalista plenamente desenvolvida. Nesse contexto, sugere-se que, metodologicamente, o dinheiro em Marx deva ser apreendido a partir da totalidade capitalista em sua forma mais desenvolvida, enquanto encarnação absoluta do valor e, desse modo, sujeito do processo de valorização. Desse modo, a teoria monetária de Marx parece ser capaz de tornar compreensível o dinheiro capitalista atual, que assume a forma de papel moeda de curso forçado e poder de compra criado de modo privado pelo sistema de crédito. Embora, ainda hoje, muitos marxistas busquem encontrar em uma mercadoria particular a forma típica do dinheiro, já em Marx percebe-se que a teoria do dinheiro não está presa a essa concepção, o que possibilita compreender a relevância do dinheiro a partir de sua forma mais evidente hoje: o dinheiro de crédito.

Palavras-chave: Dinheiro; Valor; Capital; Marx; Capitalismo Contemporâneo.

Abstract

This article aims to contribute to the recent Marxist debate about the understanding of money in contemporary capitalism by highlighting the appropriateness of Marx's monetary theory for the understanding of the current form assumed by money. Thus, from a synthesis of the arguments put forward by some of the main authors who have studied the subject, such as Arthur, Arnon, Brunhoff, Evans, Campbell, among others, it is proposed that Marx's monetary theory transcends the linkage of money to a specific commodity, like gold. Thus, it is argued that commodity money in Marx is only one stage in the process of the logical genesis of money on the basis of the systematic development of form-value, which has as its final moment the fully developed capitalist society. In this context, it is suggested that, methodologically, money in Marx should be apprehended from capitalist totality in its most developed form, as an absolute incarnation of value and thus subject to the process of valorization. In this way, Marx's monetary theory seems to be able to make understandable the current capitalist money, which takes the form of paper money and forced purchasing power privately created by the credit system. Although many Marxists still seek to find the typical form of money in a particular commodity, Marx already realizes that the theory of money is not tied to this conception, which makes it possible to understand the relevance of money from its form most evident today: credit money.

Key-words: Money; Value; Capital; Marx; Contemporary Capitalism.

JEL: B51; B24; B14

Área 2 - Economia Política

* Aluno do programa de mestrado em Economia do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: renanaraujo.rfa@gmail.com

** Professor do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: alex.wilhans@gmail.com.

Introdução

O dinheiro ocupa papel central na compreensão de Marx sobre a organização da sociedade capitalista. Com efeito, Marx dedica parte relevante de sua principal obra, *O Capital*, ao exame da posição ocupada pelo dinheiro no tecido social capitalista. O reconhecimento da importância assumida pelo tema como parte do entendimento da estrutura e dinâmica do capitalismo na literatura de inspiração marxista é evidente quando se consideram algumas de suas principais referências ao longo do século XX, tais como as contribuições de Rudolf Hilferding (1985 [1910]), Isaak Rubin (1987 [1923]), Suzanne de Brunhoff (1978 [1967]), Roman Rosdolsky (2001 [1968]), Ernest Mandel (1972), entre vários outros.

No entanto, se é fato que o papel do dinheiro em Marx, sobretudo n’*O Capital*, despertou a atenção de muitos estudiosos no decorrer do século passado, também o é de que essa talvez seja uma das áreas relativamente menos desenvolvidas pela literatura marxista entre suas várias contribuições. Em particular, parte expressiva da literatura sobre o tema assume que o dinheiro, para Marx, em sua forma acabada, trata-se apenas de uma mercadoria específica selecionada socialmente – no caso, o ouro – para cumprir, de modo exclusivo, funções monetárias. Nesse sentido, muitos viram-se compelidos a sugerir que a teoria do dinheiro de Marx encontrava-se obsoleta frente ao desenvolvimento histórico do capitalismo no decorrer do século XX, que parece prescindir, concretamente, que o dinheiro assume a forma de uma dada mercadoria – sobretudo a partir do colapso do padrão monetário internacional dólar-ouro com o fim do Regime de Bretton Woods na década de 1970.

O argumento aqui proposto sugere que a teoria do dinheiro de Marx, exposta em sua versão mais acabada n’*O Capital*, deve ser compreendida a partir da totalidade capitalista da qual faz parte. Nesse contexto, convém observar que a proposta de Marx n’*O Capital* é reconstituir, de forma inteligível, os nexos internos que conformam a sociedade capitalista de modo a evidenciar sua “lei econômica do movimento” (MARX, 2013 [1890¹], p. XX). De acordo com essa perspectiva, o dinheiro deve ser concebido a partir do desenvolvimento da própria relação capital, como desdobramento da forma-valor, que toma como ponto de partida a mercadoria, com vistas à compreensão do capitalismo como um todo. Dessa forma, a cada sucessão das categorias no percurso lógico-genético sugerido por Marx n’*O Capital* – que se inicia com a mercadoria, da qual se desdobra o dinheiro e, em seguida, o capital – deve-se considerar que a posição e, portanto, o significado de cada categoria na totalidade na qual está inserida é modificado à medida em que essa totalidade adquire novas determinações com o desenvolvimento de sua exposição.

Nesse sentido, Saad-Filho (2002, p. 89, grifos no original), destaca que o método de Marx “[...] involves not only the **progressive transformation of some concepts into others**, but also **gradual shifts in the meaning of each concept**, whenever this is necessary to accommodate the evolution of the analysis”². Desse modo, o presente artigo sugere que o entendimento do dinheiro em Marx – e, assim, a avaliação de sua adequação à realidade capitalista contemporânea – deva ser apreendido nessa perspectiva, ao destacar o caráter sistemático de sua exposição.

¹ Data da publicação da quarta edição alemã, a partir da qual a tradução consultada foi realizada.

² Veja-se, adicionalmente, Oackley (1984), Likitkijsonboon (1992), Arthur (2008) e Meaney (2014).

Marx (2013 [1890]) apresenta o dinheiro, inicialmente, a partir da circulação simples de mercadorias, na qual emerge como resultado do processo de intercâmbio generalizado. Esse movimento é apresentado já nos primeiros capítulos de *O Capital*; mas, ali, até o capítulo 3, no qual comumente se considera acabada a análise de Marx sobre o dinheiro, o capital não se encontra posto na exposição – ainda que pressuposto. Assim, uma vez que as categorias apresentadas por Marx (1890) são continuamente ressignificadas à medida em que a exposição avança na reprodução da sociedade capitalista enquanto totalidade inteligível, não parece possível restringir a teoria do dinheiro de Marx à primeira seção de *O Capital*.

Com efeito, a teoria do dinheiro em Marx é constitutivamente vinculada à sua teoria do valor e esta, por sua vez, encontra-se plenamente desenvolvida apenas quando o valor adquire sua forma adequada de expressão e converte-se em sujeito do processo socioeconômico – ou seja, apenas na relação capital. De início, o dinheiro é posto como o elemento que expressa socialmente o trabalho abstrato cristalizado nas mercadorias e, desse modo, apresenta-se concretamente como a forma social exclusiva do valor. O dinheiro-mercadoria aparece exatamente como manifestação desse processo: a mercadoria, componente de valor, elegida como dinheiro, reflete a necessidade de expressão do valor das mercadorias em algo distinto de seus próprios corpos. Ao mesmo tempo, já aqui, com o desenvolvimento do dinheiro enquanto expressão autônoma do valor das mercadorias, não parece existir, como se verá adiante, nenhuma necessidade lógica para que sua forma acabada se petrifique em uma mercadoria particular.

Com o prosseguimento da análise, observa-se, a partir de Marx (2013 [1890]), que a relação capital confere nova posição ao dinheiro, pois ele deixa de ser apenas expressão de valor ao permitir a circulação de mercadorias, para cumprir esse papel enquanto resultado do processo capitalista de valorização. Sendo assim, torna-se ainda mais evidente que o dinheiro-mercadoria pode ser concebido como um momento lógico no desenvolvimento completo da teoria do dinheiro de *O Capital*, até chegar àquela que parece ser sua forma mais acabada do ponto de vista da sociedade capitalista: o dinheiro de crédito.

Como forma de contribuir para o debate recente acerca da compreensão do dinheiro no capitalismo contemporâneo a partir de Marx, além desta introdução, este artigo contará com quatro seções. As seções que se seguem se estruturam no sentido de reconstituir a exposição de Marx de *O Capital* a partir da literatura de inspiração marxista recente sobre o dinheiro. Assim, a primeira seção, orientada pela contribuição de Christopher Arthur, tratará do desenvolvimento das formas de expressão do valor até a forma-preço. A segunda seção será dedicada à apresentação das funções do dinheiro expostas no capítulo 3 de *O Capital*, argumentando que o dinheiro como dinheiro é resultado das funções medida de valor e meio de circulação e, ao mesmo tempo, abre espaço para o funcionamento do dinheiro como capital. A terceira seção, por sua vez, tratará de uma introdução ao debate do dinheiro de crédito, ao apresentá-lo como forma mais acabada do dinheiro capitalista. Por fim, breves considerações finais encerram o artigo.

1. O dinheiro como expressão do valor: da forma simples à forma-dinheiro e à forma-preço

O tratamento dado por Marx ao dinheiro certamente é um dos pontos mais controversos de suas obras. Seja pelo espaço de destaque ocupado pelo dinheiro no desenvolvimento de sua exposição em seus diversos textos econômicos, sobretudo nos capítulos iniciais d'O Capital, seja por sua assumida centralidade no funcionamento do sistema capitalista.

Um dos temas que emergem de forma mais evidente nessa área refere-se à relação entre as categorias mercadoria, valor, valor de troca e dinheiro. Em particular, boa parte do debate centra-se no exame da adequação teórica e empírica do dinheiro-mercadoria. Nesse contexto, duas questões parecem orientar a literatura sobre o tema: i) em que medida é necessário que o elemento que cumpre a função exclusiva de expressão do valor das mercadorias, isto é, o dinheiro, seja, ele mesmo, uma mercadoria? ii) ainda que se assuma que a forma dinheiro-mercadoria represente um dos momentos lógicos necessários para a compreensão do dinheiro tal como Marx o apresenta n'O Capital, em que medida essa constitui sua forma acabada?

Sem qualquer pretensão de fornecer repostas completas a essas questões e tampouco apresentar de forma exaustiva a literatura de modo a fazer jus à sua riqueza e complexidade analíticas, a presente seção sugere, a partir de uma perspectiva centrada no caráter sistemático da exposição das categorias em Marx³, que o dinheiro emerge enquanto mercadoria, mas que esta constitui apenas sua forma transitória no processo de gênese das categorias n'O Capital. Assim, argumenta-se que o entendimento da forma dinheiro-mercadoria e sua “superação dialética” [*aufheben*] na exposição de Marx passam pela compreensão de como o valor se apresenta a partir da circulação das mercadorias, ou seja, como resultado das relações sociais entre os produtos do trabalho humano quando estes assumem a forma mercadoria.

Como Marx (2013 [1890]) aponta, mercadoria só é valor de troca, de fato, quando expressa seu valor universalmente no processo de circulação das mercadorias. A troca, nesse contexto, marca a validação (ou não) do esforço individual cristalizado em um produto particular como parte do esforço social, homogêneo, e, desse modo, despido concretamente no ato da troca de suas características particulares. Nesse sentido, o valor de uma mercadoria, determinado pelo trabalho abstrato despendido em sua confecção, apresenta-se, para Marx (2013 [1890], p. 125), como uma realidade “puramente social”, sendo o trabalho social um resultado emergente da troca, e não um pré-requisito para que esta ocorra (ARTHUR, 2004, p. 36).

O valor, determinado pelo trabalho abstrato – ou seja, trabalho homogêneo, social –, enquanto substância puramente social “só pode se manifestar numa **relação social entre mercadorias**” (MARX, 2013 [1890], p. 125, grifos nossos). Com efeito, se é possível considerar que o valor é a essência social que confere unidade às mercadorias enquanto elementos básicos do processo de reprodução da sociedade capitalista – sua “forma econômica celular”, afirma Marx (2013 [1890], p. 78) – também o é de que essa essência só está, de fato, posta, quando necessariamente se manifesta na relação de troca de forma unitária e, portanto, universal. O dinheiro emerge exatamente para atender esse

³ Acerca do método adotado por Marx baseado na dialética sistemática, veja-se Arthur (2008) e Reuten (2014).

requisito, como forma mais adequada da expressão de valor. Em síntese, **o valor somente encontra-se posto na medida em que se expressa sob forma monetária**, de modo que não é possível compreender o valor e sua forma de expressão acabada, o dinheiro, como elementos independentes. Não por outra razão, Murray (2016, p. 11) argumenta que, para Marx, sob inspiração de Hegel:

[...] value does not exist independently of price. Price is the necessary form of appearance of a commodity's value without simply being that value itself. [...] Just as Hegel recognises that essence and appearance are inseparable, Marx argues in his theory of the value form that money is value's necessary form of appearance.

Desse modo, torna-se compreensível que Marx (2013 [1890]) tenha explicitamente reconhecido seu distanciamento em relação à Economia Política Clássica quando se volta diretamente à gênese do dinheiro e, assim, busca “realizar o que jamais foi tentado pela economia burguesa” (MARX, 2013 [1890], p. 125): demonstrar como a forma-dinheiro surge a partir do desenvolvimento da expressão de valor que emerge das relações de valor das mercadorias entre si.

Uma breve exposição deste caminho, para o qual Marx (2013 [1890]) dedica a seção 3 do capítulo 1 d'O Capital, parece conveniente para os propósitos deste texto. Nesse sentido, reconstitui-se, abaixo, o desenvolvimento da expressão do valor a partir de sua forma simples, individual ou ocasional, para sua forma total ou desdobrada, para, adiante, sua forma de valor universal e, em seguida, para sua forma-dinheiro. Para tanto, Arthur (2004) elabora uma caracterização pormenorizada desse movimento e propõe um passo lógico subsequente que será útil ao argumento aqui levantado.

A **forma simples** de valor é apresentada como a expressão de valor entre duas mercadorias quaisquer, na qual uma tem uma assume um papel ativo, na forma de valor relativo, e a outra um papel passivo, na forma de valor-equivalente. Essas formas são inseparáveis, inter-relacionadas e se determinam reciprocamente, ao mesmo tempo em que se excluem mutuamente. (MARX, 2013).

Como sugere Arthur (2004, p. 44), essa forma se apresenta da seguinte maneira:

z da mercadoria A expressa seu valor em y do valor de uso B; ou seja, o valor de zA é yB

Convém observar, que o autor remove o símbolo “=” apresentado n'O Capital (MARX, 2013 [1890], p. 125) pois sustenta que se a relação é mutuamente excludente, ela não pode ser absolutamente simétrica, de forma que A não pode expressar seu valor no valor de uso de B e ao mesmo tempo, expressar o valor de B em seu próprio valor de uso. Essa aparentemente pequena modificação explicita aquilo que Marx parece buscar transmitir: a mercadoria, isoladamente, é um simples coágulo de trabalho humano em sua dimensão abstrata. O caráter de valor da mercadoria só é expresso, portanto, quando considerada a partir de sua relação com o mundo das mercadorias:

How can commodities achieve social recognition, if immediately a commodity is a use-value produced privately by concrete labours? The answer is that in the form of value the equivalent is posited as the opposite of what it is immediately, its own shape becomes the form of the required universal determinants, its use-value stands for value, its concrete labour stands for

abstract labour, and its private labour stands for sociality of labour. (ARTHUR, 2004, p. 50)

A **forma desdobrada** do valor aparece como resultado das múltiplas expressões simples de valor de uma mercadoria, pelas quais ela evidencia sua comensurabilidade a um incontável número de outras mercadorias. Seguindo o procedimento apresentado acima, substitui-se o “=” por:

z da mercadoria A expressa seu valor em y de B ou x de C ou w de D

Nessa forma, pela primeira vez, esse mesmo valor aparece verdadeiramente como “geleia de trabalho humano indiferenciado” (MARX, 2013 [1890], p. 139), pois ele se coloca em uma série extensa de relações. Contudo, aqui, a mercadoria ainda se relaciona individualmente com cada mercadoria, uma vez que as relações entre mercadorias consistem na soma de expressões simples e relativas de valor e, portanto, não deixam de se apresentar como uma série de formas particulares. Em suma, não há, ainda, uma forma unitária de valor e, por conseguinte, universal.

Ao inverter a relação expressa na forma desdobrada, Marx (2013 [1890]) identifica a **forma de valor universal**, por meio da qual se demonstra que uma série de mercadorias pode expressar seu valor em uma única mercadoria:

y de B e x de C e w de D expressam seu valor em z da mercadoria A

Importa notar que aqui o termo “ou” é substituído por “e”; trata-se, assim, de uma nova forma de valor, na qual a mercadoria A assume um papel passivo e todas as demais mercadorias ativamente expressam nela seus valores. Nesse sentido, “[a] forma universal do valor só surge [...] como **obra conjunta do mundo das mercadorias**” (MARX, 2013 [1890], p. 142, grifos nossos). A polaridade da expressão passa a ter um sentido definido: o mundo das mercadorias expressa seus valores em uma única mercadoria.

The superiority of the general form over the previous forms is that ‘the commodities now present their values to us, (1) in a simple form, because in a single commodity; (2) in a unified form because in the same commodity each time’. **A homogeneous dimension of value has been found.** (ARTHUR, 2004, p. 53, grifos nossos)

A forma de equivalente universal pode se depositar em qualquer mercadoria dada, mas exige que apenas **uma** mercadoria se torne equivalente: apenas após uma única mercadoria específica ser determinada como equivalente universal é que a “forma de valor relativa **unitária** ganha solidez **objetiva** e validade social **universal**.” (MARX, 2013, p. 144, grifos nossos). Tal determinação é diretamente social, e a partir do momento que essa única mercadoria específica assume tal posição, torna-se mercadoria-dinheiro, funciona como dinheiro.

Por fim, a **forma-dinheiro**, a expressão mais adequada do valor segundo a exposição de Marx (2013 [1890]), é apresentada simplesmente ao substituir a mercadoria A pela mercadoria ouro:

20 braças de linho; 1 casaco, 10 libras de café expressam seu valor em 2 onças de ouro

Aparentemente, não há uma grande alteração da forma de valor universal para a forma-dinheiro: agora a mercadoria ouro assume a posição de equivalente universal, lugar

antes ocupado pela mercadoria A. As mercadorias expressam seus valores, agora, na mercadoria ouro, de modo que seu valor de uso é ser valor. Tal posição foi ocupada pelo ouro por meio do próprio desenvolvimento das trocas, ou seja, pelo desenvolvimento mesmo das relações que se estabelecem entre as mercadorias; sendo assim, é apenas a partir da consideração da totalidade do mundo das mercadorias que, ao se relacionarem entre si, torna compreensível a posição assumida pela mercadoria ouro nesse contexto.

Com a forma-dinheiro, no entanto, a expressão relativa de valor simples de uma mercadoria, que antes era expressa por “y do valor de uso de B”, passa a ser a **forma-preço**. Aqui, Arthur (2004, p. 57 grifos no original) sugere que o modo como Marx (2013 [1890]) apresenta a forma-preço parece demasiadamente abrupto, fato que acaba por obscurecer seu real significado para a compreensão do dinheiro:

Marx briefly notes that implicit in the money-form is price, since each commodity now has its value specified in gold coin (163). However, I believe there is much more to say about this. We can start from Marx’s observation that, since gold is money itself, it has no price (189). But has it value? Here Marx’s answer is defective. He says the same thing as he did with the universal equivalent when he stated that its value is given in the expanded form already treated earlier (Form II) (161). He says again: ‘The expanded relative expression of value, the endless series of equations, has now become the specific relative form of value of the money commodity... We have only to read the quotations of a price-list backwards, to find the magnitude of the value of money expressed in all sorts of commodities’ (189). In effect he goes back behind money to the bare **commodity** status of gold, losing the peculiar status of immediate exchangeability it has **as money**.

Arthur (2004, p. 58) prossegue o argumento ao apontar que Marx, desse modo, acabou por ignorar dois traços importantes que derivam da forma-dinheiro. Em primeiro lugar, ao contrário das formas simples e desdobrada, nas quais o valor das mercadorias são expressos nos valores de uso de outras mercadorias, no caso da forma-dinheiro, o dinheiro-mercadoria, por ser imediatamente reconhecido como encarnação do valor não tem nenhuma necessidade de expressar seu valor em alguma outra mercadoria: em outras palavras, seu próprio valor de uso apresenta-se diretamente como valor. Ademais, em segundo lugar, o dinheiro-mercadoria, uma vez posto, implica que a inversão da forma-dinheiro não resulte na forma de valor universal. Uma vez que a mercadoria-dinheiro monopoliza o papel de encarnação do valor do conjunto das mercadorias, a forma-preço, que resulta da forma-dinheiro, parece constituir um momento lógico subsequente no desenvolvimento das formas de expressão do valor para o qual pouca atenção tem sido na literatura.

Desse modo, segundo Arthur (2004), da forma-dinheiro resulta logicamente a forma-preço que, por sua vez, desdobra-se na forma preço-equivalente e na forma preço-relativa. A forma preço-equivalente apresenta-se do seguinte modo:

x unidades de ouro são o preço de z de A e y de B e w de D e assim por diante

Em verdade, a forma-preço equivalente permite compreender de que modo o dinheiro encerra todo o mundo das mercadorias como elementos de uma mesma unidade, diferente da forma desdobrada em que as mercadorias podiam se reconhecer em todas as mercadorias, mas apenas individualmente. Uma vez socialmente validado como encarnação do valor, o dinheiro permite que todas as mercadorias se reconheçam entre si como valores. “In this **form the commodities are now explicitly posited as equivalents**

– not just of gold, but – of each other, through the mediation of money.” (ARTHUR, 2004, p. 58, grifos no original)

Seguindo o raciocínio, Arthur (2004) demonstra que a forma-preço pode ser analisada também a partir de sua forma relativa. Nesta forma, as mercadorias podem, separadamente, apresentarem-se como valores em preços relativos específicos:

Uma unidade de A custa z de dinheiro

Uma unidade de B custa y de dinheiro

Uma unidade de C custa x de dinheiro, ...

Essa forma permite que uma coleção heterogênea de mercadorias seja tratada como uma coleção homogênea de valor, de modo que o valor seja enfim posto como a substância das mercadorias: “So we see now that in virtue of ideally serving as common expression of value, money serves materially as commutator of values.” (ARTHUR, 2004, p. 60)

A interpretação de que o dinheiro deva ser uma mercadoria específica aparece exatamente no movimento abrupto que Marx (2013 [1890]) opera ao transitar da forma de valor universal para a forma-dinheiro. Do modo como se apresenta, essa passagem pode sugerir que o conjunto de mercadorias exige uma mercadoria específica para expressarem seus valores. Como observado acima, essa transição, porém, parece omitir a real importância da forma-preço, que não se coloca ainda na forma de valor universal, para a compreensão do dinheiro. Apenas na forma-preço o valor como produto da abstração real operada socialmente é corporificado, objetivado, e é a partir desta forma que as mercadorias são explicitamente postas como equivalentes entre si, e não de modo individual com uma mercadoria específica.

Esta equivalência não ocorre porque o dinheiro é valor, mas porque todas as mercadorias o são por meio do dinheiro. Cabe ao dinheiro, desse modo, ocupar a relevante função social de garantir que as mercadorias se relacionem entre si, de modo que já não mais se coloca, do ponto de vista lógico, a necessidade dele mesmo ser uma mercadoria específica.

2. A emergência do dinheiro como dinheiro

Uma vez delineada a gênese do dinheiro a partir do desenvolvimento da expressão de valor das mercadorias e da relevância da forma-preço em evidenciar a posição ocupada pelo dinheiro na sociedade capitalista, é possível analisar o modo pelo qual Marx apresenta as funções do dinheiro, ao longo do capítulo 3 d’O Capital⁴.

Como aponta Brunhoff (1978 [1967]), Marx (2013 [1890]) inicia sua explicação do dinheiro a partir da circulação simples de mercadorias, ao analisar, de início, a relação das mercadorias com o ouro, uma mercadoria específica que cumpre funções monetárias, um valor, portanto. Para a autora, essa é uma “boa abstração” (BRUNHOFF, 1978 [1967], p. 17), por meio da qual Marx dá um primeiro passo para a construção de sua teoria

⁴ Para o tratamento de Marx ao dinheiro em estudos anteriores ao Capital, veja-se Arnon (1984).

monetária, recusando-se a iniciar sua análise diretamente no circuito do crédito. A circulação metálica, isto é, do dinheiro-mercadoria ouro, é relevante pois demonstra que o dinheiro emerge da própria mercadoria, e como visto acima, a compreensão da forma-dinheiro passa por demonstrar como uma mercadoria específica se torna mercadoria-dinheiro.

Convém observar que no capítulo 3, denominado “O dinheiro ou a circulação de mercadorias”, a apresentação de Marx está organizada a partir das 3 funções básicas do dinheiro, às quais denomina: medida de valor, meio de circulação e dinheiro. Cabe notar que não parece fortuito o fato de Marx (2013 [1890]) ter designado a função que atualmente seria referida reserva de valor com o termo dinheiro, apenas. Com efeito, Marx (2013 [1890]) parece sugerir, aqui, que é apenas ao final de sua exposição, como resultado do dinheiro servir como encarnação autônoma do valor – e, portanto, conservar valor no tempo – que o dinheiro se encontra determinado – finalmente, dinheiro como dinheiro.

A primeira função, medida de valor, é diretamente derivada do fato do dinheiro se apresentar como equivalente universal e consiste em servir como medida geral de valor, em que o valor das mercadorias é expresso em uma quantidade específica de dinheiro por meio da forma-preço. As mercadorias não se tornam comensuráveis entre si devido ao dinheiro; em verdade, a qualidade do dinheiro aqui é o poder de expressar o que torna as mercadorias comensuráveis: o trabalho abstrato, a substância social cristalizada nas mercadorias.

Para Campbell (2017), a partir de Brunhoff (1978 [1967]), Marx (2013 [1890]) apresenta, de início, no que se refere à função medida de valor, o dinheiro como uma mercadoria específica, o ouro, exatamente para demonstrar que o dinheiro apresenta a mesma forma que as mercadorias, com a diferença de ser validado socialmente como dinheiro:

In his first look at commodity values and money as universal equivalent, Marx attributes both to one aspect of the kind of social labour that produces commodities, namely, that it is simultaneously social – connected and unified – and carried out independently – made up of labour activities that are conducted in isolation from each other and for the sake of private gain. To be social and independent are “contradictory and mutually exclusive conditions,” but it is Marx’s case that these conditions in fact coexist in commodity production. Their coexistence is possible because of the value character of commodities and money as universal equivalent. This yields Marx’s first explanation of value and money: that they result from and make it possible for social labour to be simultaneously independent. (CAMPBELL, 2017, p. 211)

De Brunhoff (1978 [1967]) afirma que, como meio de circulação o dinheiro, tem a garantia prática de seu papel monetário. A expressão ideal do valor é importante para relacionar as mercadorias, e a fixação do padrão de preços é a que permite a confrontação desses valores entre si quantitativamente, mas nenhuma dessas funções garante a troca efetiva. “Só a circulação, em que a moeda substitui efetivamente mercadorias, dá à fixação dos preços toda a sua dimensão. A primeira função da moeda é a condição da segunda, mas a segunda completa necessariamente a primeira.” (BRUNHOFF, 1978 [1967], p. 27)

Um ponto de destaque para o debate sobre a necessidade ou não do dinheiro-mercadoria, é a análise da circulação da matéria ouro. O ouro em espécie quando colocado

como instrumento da circulação pode desgastar e conseqüentemente perder valor, o que impõe que a quantidade de valor que circula efetivamente seja distinta da quantidade de valor estampada no corpo do dinheiro. Apesar disso, não há motivo para que o curso da circulação se veja obstaculizado, a relação de valor ali expressa é determinada pela moeda como padrão de preços e os preços das mercadorias, e caso a moeda garanta o fluxo de mercadorias a partir desta relação, o funcionamento do processo de circulação se dará da mesma maneira, independentemente da quantidade de metal e, portanto, de valor contido na moeda.

Como aponta Marx (2013 [1890]), o próprio curso do ouro na circulação levou as sociedades modernas de sua época a substituírem o ouro por símbolos de valor. Como dito acima, o desgaste da peça de ouro mostra que na circulação, quando reconhecido o poder de troca da peça, não é importante se ela realmente corresponde ao valor que circula, e é exatamente essa característica que possibilita que um objeto sem valor, como o papel-moeda emitido pelo Estado e de circulação compulsória, possa assumir a função do meio de circulação. Convém notar que Marx faz rápida menção ao dinheiro de crédito nesta função, pois este surge da função do dinheiro como meio de pagamento e aponta os limites da circulação simples. (MARX, 2013 [1890], p. 200)

Em Marx (2013 [1890]), apenas a terceira função é realmente dinheiro como dinheiro, ou *real money*, como aponta Heinrich (2004). De fato, como forma, a medida de valor é suficiente como dinheiro ideal, e o meio de circulação como dinheiro simbólico; “[o]nly as unity of magnitude of value and means of circulation is money really money, that is, an **independent embodiment of value** [...]” (HEINRICH, 2004, p. 69, grifos nossos).

O dinheiro como dinheiro é resultado da função medida de valor e da função como meio de circulação e se apresenta em três novas funções: Entesouramento, Meio de Pagamento e Dinheiro Mundial, nas quais a característica fundamental é o fato de todas serem manifestação independente de valor. O dinheiro como dinheiro, portanto, requer que sua presença concreta no exercício de tais funções, mas nenhuma delas exige que uma mercadoria seja dinheiro. Antes, exige-se, que o mesmo ocupe as funções que precedentes.

O entesouramento é a função na qual o dinheiro é retirado da circulação e é mantido fora dela como manifestação independente do valor, pronto e disposto a ela retornar a qualquer momento em que for solicitado, mas mantido por dois motivos principais: porque é a forma que representa o conjunto de mercadorias como encarnação social do trabalho humano, como equivalente universal; e porque é a “forma absolutamente social da riqueza” (MARX, 2013 [1890], p. 205), ao potencialmente se converter em qualquer outra mercadoria, como meio de circulação.

Marx (2013 [1890]) deixa bem claro que o valor de uma mercadoria é qualitativamente comparado pela sua força de atração sobre os outros elementos da riqueza social de quem a possui. Nesse ponto de sua análise, o dinheiro, por sua vez, varia o seu valor pela variação de seu próprio valor [1] e/ou pela variação de valor das mercadorias [2]. Esta passagem indica que, ao tratar dos motivos para se entesourar o dinheiro, Marx (2013 [1890]) aponta que não basta considerar uma quantidade de mercadoria-ouro para se ter uma noção completa da riqueza, visto que é a variação da relação de troca entre dinheiro e mercadorias que evidenciará essa dimensão. A passagem

acima, no entanto, também indica um outro aspecto importante no que se refere ao debate sobre a variação de valor do dinheiro:

The first applies if money is gold with intrinsic value. The second cannot: the value of intrinsic value money – gold – does not vary with a change in the value of commodities (Marx does not say other commodities; money is not a commodity). The only sense in which the value of money can change in [2] is if ‘value’ means the expression that Marx spoke of in the section on measure – the “socially given fact in the shape of the prices of commodities.” (CAMPBELL, 2017, p.221)

O entesouramento demonstra sua simbiose com o meio de circulação também porque é ferramenta de controle da quantidade de meio circulante disponível, sempre garantindo que o dinheiro seja suficiente para a quantidade de valores disponíveis no mercado, preservando a relação de troca entre o dinheiro e as mercadorias:

[t]he complementary relationship between money’s character as hoard and as circulating medium at the same time preserves the exchange ratio between money and all commodities. This ratio is the by-product of the fact that money alternately assumes its character as circulating medium and as hoard. From this it emerges that the ratio is itself an aspect of money. It is inseparably combined with the other two because it is created by them. The third aspect is the magnitude expressed in the price list read backwards; this is true whether money has intrinsic value or not. This is now all there needs be for it to function as measure. (CAMPBELL, 2017, p.222)

O entesouramento tem uma função econômica precisa: servir para amortecer as necessidades postas pelo processo de circulação de mercadorias. No caso do papel-moeda, como ele não pode sair da circulação da mesma maneira uma vez que é emitido, o mecanismo de ajustamento é feito através da variação de preços. Caso o papel-moeda em circulação ultrapasse a quantidade de valor em circulação, um aumento de preços irá atuar desvalorizando o dinheiro para se ajustar à quantidade de valor cristalizada nas mercadorias em circulação. Considerando que as duas formas e seus mecanismos de ajuste são capazes de preservar a expressão de valor do dinheiro, seja tal expressão real (com uma dada mercadoria) ou ideal (através da garantia de relação de valor entre as próprias mercadorias), não há necessidade do dinheiro ser uma mercadoria específica e, nos termos de Campbell (2017, p. 225), possuir “valor intrínseco”.

Na função de meio de pagamento, o dinheiro funciona como forma de manifestação independente de valor, mas ao invés de mediar a circulação das mercadorias, ele a conclui, de forma autônoma. Nesse processo, a venda é feita e as posições de comprador e vendedor se convertem em uma relação de credor e devedor, na qual a mercadoria é entregue – e por vezes consumida – antes mesmo de ser realizada. O meio de pagamento entra ao final desse processo para saldar a dívida. Essa forma pode ser concebida como uma abstração do sistema de crédito que seria desenvolvido por Marx (2013 [1890]) mais adiante. Conforme destaca Arnon (1984, p. 556), esse fato já havia sido observado por Marx em trabalhos anteriores ao *Capital*

While in its function as a hoard money is external to circulation, in its function as means of payment money remains in circulation. Here it fulfills two necessary and contradictory roles. If all payments cancel each other out, it functions as a mere measure of value; while if payments do not cancel each other out, it functions as means of circulation, but not as a “transient” one (like coins) but as an “absolute commodity

A função do dinheiro como meio de pagamento é exercida com frequência em sociedades cujas transações mercantis se baseiam em contratos de pagamento, e não mais dinheiro em espécie; nesse caso, o dinheiro passa a se colocar como o objetivo da venda e o meio de pagamento vai se desenvolver plenamente, de fato, quando o dinheiro já for um fim em si mesmo.

3. Dinheiro de crédito: A forma mais acabada do dinheiro capitalista

Como não é função deste artigo analisar a teoria do dinheiro de crédito exposta em Marx (2013 [1890]), esta seção procurará apenas introduzir o debate de forma a consolidar os argumentos acima levantados contrários à duradoura concepção do dinheiro-mercadoria como (única e mais acabada forma de) dinheiro. Para tal, Evans (1998) parece fornecer algumas pistas promissoras ao introduzir o dinheiro de crédito como resultado da exposição de Marx sobre o dinheiro.

O autor destaca que há duas relações importantes para a análise de como a teoria monetária de Marx se desenvolve: i) relação entre a produção privada de mercadorias e sua manifestação final na troca e ii) a relação capital exposta na produção cujo o fim é o lucro. A primeira relação, que compõe as considerações até o momento levantadas nesse texto, compreende o resultado da circulação simples de mercadorias (Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria), que envolve a equivalência das mercadorias por meio da manifestação do trabalho abstrato pelo dinheiro, e/ou o dinheiro como meio no qual a sociedade valida socialmente dispêndios privados e independentes de trabalho.

O dinheiro se torna capital quando o circuito do valor se torna completo, e a produção tem como objetivo a obtenção de mais-valor – e, portanto, lucro. A fórmula geral do capital, como Marx (2013 [1890]) a denominou, compreende o circuito D-M-D' [Dinheiro – Mercadoria (Meios de produção e Força de Trabalho) – Mais Dinheiro], e é o processo em que o trabalho privado para a fabricação de mercadoria é posto socialmente a partir do funcionamento do capital para a produção de mais-valor. “The important point here is that **capital is characterized as value in the process of expansion**, and money is one of the forms that capital adopts in the course of this process.” (EVANS, 1997, p. 13, grifos nossos)

O dinheiro sempre vai manifestar o trabalho abstrato contido nas mercadorias, mas quando se trata do circuito D-M-D', ele passa a ser parte de um movimento mais amplo. O meio de pagamento derivado da circulação simples já é, em verdade, uma relação de crédito, e já coloca o dinheiro como um fim em si mesmo, necessário para a liquidação dos contratos de dívida, enquanto encarnação absoluta do valor; no entanto, apenas quando concebido no processo de valorização do valor, o dinheiro, de fato, torna-se um fim em si mesma e o seu movimento enquanto dinheiro de crédito passa a ser mediado pelo capital.

Para Evans (1997), a introdução do sistema bancário, de modo particular, e de crédito, de modo geral, é o elemento que traz o último estágio da teoria do dinheiro de Marx. Não tanto pela capacidade de gerir débitos e créditos dos agentes, mas principalmente, porque estas instituições passam a ser as responsáveis por emitir crédito sem correspondência de valor já produzido, antecipando a validação social do trabalho privado que vai ocorrer apenas na finalização autônoma do circuito na liquidação do

contrato de dívida. Tais operações não tem necessidade nenhuma de ter presente o montante de dinheiro envolvido no momento de sua origem –

ainda que sua existência pressuponha essa presença potencial –pois o mero cancelamento de créditos no sistema bancário terá o mesmo efeito. (EVANS, 1997, p. 17-18).

Money is not the representative of a material or of a commodity, but the embodiment of the capital relation: It can thus be produced within the framework of the expanded reproduction of this relation (i.e. independently of any commodity or material), and this is exactly what happens when the bank opens an advance credit account for a businessman client. (MILIOS et al, 2000, p.53)

O fato das trocas via sistema de crédito permitirem que as transações sejam feitas sem o montante de dinheiro ali considerado fará com que a oferta de dinheiro disponível e o dinheiro em circulação não tenha uma relação fixa com o total de ativos líquidos. Só é possível entender isso se se considera que o dinheiro é forma necessária de aparência do valor e que o valor não é uma característica de cada mercadoria, mas uma relação social (MILIOS et al, 2000, p. 53).

O dinheiro de crédito é a última forma apresentada por Marx (2013 [1890]), e embora apareça ainda na primeira seção d'O Capital, o autor já observa que tal forma não pode ser apresentada completamente naquele momento pois não havia ainda considerado o desenvolvimento do sistema de crédito sob o capitalismo.

4. Considerações Finais

A síntese de argumentos apresentada até aqui sugere que não parecem existir razões teóricas para sustentar que o dinheiro-mercadoria é a forma acabada do dinheiro em Marx fato, portanto, condicionaria a validade de sua teoria monetária a um contexto em que uma mercadoria específica cumpra plenamente as funções de dinheiro. O dinheiro na economia capitalista é definido por sua posição no tecido social que se constitui em torno da relação capital, forma desenvolvida do valor, e esse artigo buscou demonstrar que a partir do momento que o dinheiro adquire validação social no mundo das mercadorias, independentemente de ser uma dada mercadoria, apresenta-se como de dinheiro e desempenha suas funções típicas.

A argumentação traz a categoria dinheiro para o circuito completo do capital, como resultado da reprodução dessa relação e como parte constituinte fundamental desta. Por esse motivo, parece necessário afastar qualquer tipo de argumentação que busque tratar como finalizada a teoria do dinheiro ainda na circulação simples. De fato, é possível observar na função do dinheiro como meio de pagamento, a abstração da relação de crédito entre as mercadorias que se desenvolveria plenamente no capital; não por acaso, Marx (2013 [1890]) reconhece que o dinheiro de crédito está em um nível de abstração menor do que aquele dado pelo circuito M-D-M.

Desse modo, é evidente que o debate em torno da teoria do dinheiro em Marx encontra-se aberto, e ademais, traz consigo elementos relevantes para o debate contemporâneo dos fenômenos monetários. A partir da compreensão do dinheiro capitalista é que se torna possível a definição de quais os critérios deve ser utilizados para

que discussões como as causas da inflação ou o funcionamento atual do sistema de crédito, por exemplo, devam ser feitas. Possíveis novas agendas de pesquisa, nesse sentido, podem incluir a investigação do arcabouço teórico subjacente às investigações desse fenômeno.

Referências Bibliográficas

ARNON, A. (1984) Marx's theory of money: the formative years. **History of Political Economy**, vol.16, n.4, pp. 555-575.

ARTHUR, C. J. (2004) Money and the Form of Value. In R. Bellofiore & N. Taylor (Eds.) **The Constitution of Capital: Essays on Volume I of Marx's Capital**. New York, NY: Palgrave Macmillan, pp. 35 – 62.

_____. (2008) Systematic Dialectic. In: OLLMAN, B.; SMITH, T. (eds.) **Dialectics for the New Century**. New York: Palgrave Macmillan, p. 211-221

BRUNHOFF, S. de (1978 [1967]) **A Moeda em Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CAMPBELL, M. (2017). Marx's Transition to Money with no Intrinsic Value in Capital, Chapter 3. **Continental Thought & Theory**, vol. 1, n.4, pp. 207-230.

EVANS, T. (1997) Marxian Theories of Credit Money and Capital. **International Journal of Political Economy**, vol. 27, n. 1, pp. 7-42.

HEINRICH, M. (2012) **An introduction to the three volumes of Karl Marx's Capital**. New York, NY: Monthly Review Press.

HILFERDING, R. (1985 [1910]). O capital financeiro. São Paulo, SP: Nova Cultural.

LIKITKIJSOMBOON, P. (1992) The Hegelian dialectic and Marx's" Capital". **Cambridge Journal of Economics**, v. 16, n. 4, p. 405–419.

MANDEL, E. (1982 [1972]) **O capitalismo tardio**. São Paulo, SP: Abril.

MARX, Karl. (2013 [1890]) **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEANEY, M. (2014) Capital breeds: Interest-bearing capital as purely abstract form. In: MOSELEY, F.; SMITH, T. **Marx's Capital and Hegel's Logic**. Leiden: Brill, p. 41-63.

MILIOS, J., DIMOULIS D. e ECONOMAKIS, G. (2002) **Karl Marx and the Classics: An Essay on Value, Crises and the Capitalist Mode of Production**. Burlington VT: Ashgate Publishing Company, pp. 3-63.

MURRAY, P. (2016). **The mismeasure of wealth: essays on Marx and social form**. Leiden: Brill.

OACKLEY, A. (1984). **Marx's critique of political economy**, Vol. 1. London: Routledge & Kegan Paul.

REUTEN, G. (2014). An Outline of the Systematic-Dialectical Method: Scientific and Political Significance. In: MOSELEY, F.; SMITH, T. **Marx's Capital and Hegel's Logic**. Leiden: Brill, p. 241-268.

ROSDOLSKI, R. (2001 [1968]). **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Tradução de Cesar Benjamin. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ: Contraponto.

RUBIN, I. I. (1987 [1923]) **A teoria marxista do valor**. São Paulo, SP: Polis.

SAAD-FILHO, A. (2002) **The value of Marx**: political economy for contemporary capitalism. London: Routledge.